

TEATRO & DANÇA

À frente do tempo

Carla Galvão recria uma Janis que deve tudo a Janis Joplin e a ultrapassa para ser o retrato de uma época e de um país

Texto João Carneiro

Um espetáculo sobre Janis Joplin? Quem é que sabe quem ela é? Morreu em 1970, com 27 anos, com uma overdose de álcool e heroína ("involuntariamente pura", diz-se num *site* dedicado à cantora), enfim, mais uma hippie drogada dos anos 60.

Foram estas as questões que me ocorreram de imediato, dado que tenho 56 anos, a cantora em questão e o mundo de que fez parte me foram familiares e que os meus sobrinhos, sobrinhos-netos e amigos deles, e mesmo muitas outras pessoas que fazem espetáculos e têm a idade deles, ficarão a olhar para mim como boi para palácio à menção desse nome. Daí a referir a questão geracional vai um passo, muito pequeno, que mais vale não dar.

A questão complicou-se quando, embalado e entusiasmado pela ideia e pelo facto de o espetáculo ser um monólogo, resolvi falar com a encenadora e com a atriz. Luísa Pinto é diretora do Cine Teatro Constantino Nery, em Matosinhos, há cerca de um ano e meio; Carla Galvão é uma das melhores atrizes portuguesas; o espetáculo estreara em Matosinhos e andara pelo Brasil, e eu nem tinha dado conta!

Mas agora, vida nova: "Há coisas remodeladas para esta versão, em termos de encenação e porque se trata de uma atriz diferente. É outra pessoa, não podia trabalhar com ela da mesma maneira como trabalhei com a Filomena Cautela, que criou a personagem de Janis", diz-me uma Luísa Pinto com uma simplicidade e

uma simpatia desarmantes, enquanto Carla Galvão olha e sorri quase imperceptivelmente. O texto foi uma encomenda da encenadora e é uma ficção. "Muitas pessoas verão logo a Janis Joplin, num primeiro momento. Mas pode não ser ela. Pode ser uma das raparigas que viveram a geração de 60. Trata-se de uma viagem em que esta Janis sai de casa, vai apanhando boleias e percorrendo os Estados Unidos da América. E vai encontrando uma série de pessoas que são estereótipos e que nos vão traçando um retrato social da época. Não é a história da Janis Joplin, mas a história dela está lá, e está também a história do país".

"E a tartaruga?", pergunto eu. "A tartaruga é um símbolo daquilo que é conservador, por oposição à Janis, que está sempre à frente do seu tempo. Acho que ainda hoje as mentalidades são muito conservadoras, avançam a passo de tartaruga em muitos aspetos, políticos, sociais, culturais, sobre coisas da vida de todos nós", explica a encenadora.

JANIS E A TARTARUGA

de Pedro Pinto e Filipe Pinto
Espectáculo integrado no Festival de Monólogos Cabeças Falantes
Clube Estefânia, Lisboa, até 15 de agosto.
Cine Teatro Constantino Nery,
Matosinhos, 2, 3 e 4 de setembro
Tel 213 542 318; Tel 229 392 320



CARLA GALVÃO DESLUMBRANTE NO PAPEL DA CANTORA NORTE-AMERICANA

MELOIA MIRANDA

Carla Galvão é mais nova do que Luísa Pinto, mas a cantora americana não lhe era uma estranha. "Sempre admirei a Janis Joplin pela performer que ela era, mas nunca tomei muito o pulso a todo um conjunto de ideais que estavam ligados ao mundo dela. Mas as questões de que se trata no espetáculo estão próximas de nós, a única um pouco mais difícil para mim é a da guerra, perder alguém, viver em tensão permanente por causa disso. No liceu, durante a 'onda hippie', a Janis Joplin era uma inspiração, os seus colares, os cabelos." E não foi difícil a Carla Galvão aceitar o convite de Luísa Pinto. "Gostei muito do texto, estou feliz."

Carlos Tê escreveu 'Bruxa Má',

uma canção para este espetáculo, que Carla Galvão "canta divinamente", diz a encenadora. Canta também duas canções do repertório de Janis Joplin, 'Mercedes Benz', a *cappella*, como no original, e a 'Woman Left Lonely', com arranjos novos de Miguel Ferreira. Pela banda sonora passam outras memórias musicais da época, dos Turtles a Leonard Cohen.

"Janis e a Tartaruga" tem ainda desenho de luz de Bruno Santos, somoplastia de Pedro Lopes Moreira e design de vídeo de Miguel Miranda. A



A voz de Mercedes Benz

Carla Galvão está de volta aos monólogos com Janis e a Tartaruga, uma peça inspirada em Janis Joplin que se estreia esta quinta-feira no Clube Estefânia. Ana Dias Ferreira avisa que se vai ouvir cantar "Oh Lord won't you buy me a Mercedes Benz".

Facto real: em 1960, aos 17 anos, Janis Lyn Joplin saiu de casa, no Texas, para se dedicar àquilo que lhe dava mais prazer: os blues e a folk music. Episódio ficcionado: apenas com uma mala na mão, a cantora norte-americana apanhou boleia de um cowboy, um padre racista e uma universitária sensual, que a ajudaram a definir os ideais que seriam também as grandes bandeiras da geração de sessenta: a libertação sexual, o anti-racismo, as drogas, o pacifismo e o querer viver mais intensamente. É entre estes dois planos – realidade e ficção – que se movimenta Janis e a Tartaruga, monólogo escrito por Pedro e Filipe Pinto que se estreia esta quinta-feira, às 21.30, no Clube Estefânia, e que começa precisamente assim: com Joplin a sair de casa e a fazer-se à estrada apenas com uma mala de mão.

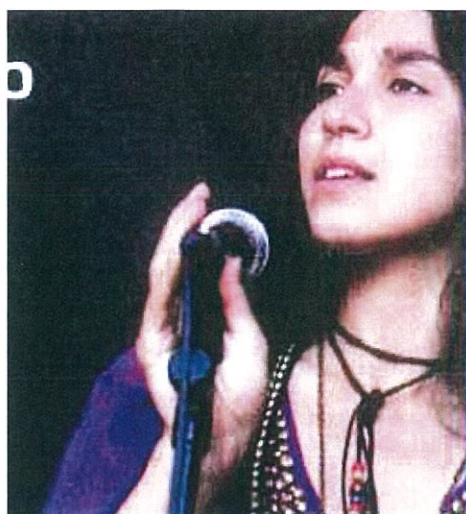
O espectáculo faz parte do Festival de Monólogos Cabeças Falantes que a Escola de Mulheres dirigida por Fernanda Lapa tem vindo a acolher no seu novo espaço, e é marcado pelo regresso da actriz Carla Galvão a um espectáculo a solo, depois do excelente e premiado Contos em Viagem Cabo Verde. Vestida com roupas largas ao estilo hippie, a actriz – que nos confessou nunca ter pensado fazer outro monólogo em tão curto espaço de tempo – faz de Janis Joplin e até canta dois dos temas mais famosos da norte-americana: "Mercedes Benz" – aquele que começa com "oh Lord won't you buy me a Mercedes Benz" – e "Woman Left Lonely", para além de uma música original escrita por Carlos Tê especificamente para o espectáculo, "A Bruxa Má".

Num cenário praticamente despido e onde se vêem apenas uma mala de mão e um carrossel com bancos de automóvel em vez de cavalos, Carla Galvão faz de Janis Joplin e também de todas as personagens com que a artista se cruza nas boleias que apanha, contracenando consigo própria sem parar e servindo-se apenas da tal mala de viagem que, nas suas mãos, se vai transformando em mochila, carro, camião e estrada, entre outras coisas. A tartaruga do título, explica a encenadora Luísa Pinto, "representa a sociedade da época, muito lenta para Janis e a sede de viver que ela tinha." É também uma espécie de voz da consciência, que de vez em quando aparece em voz off ou através do vídeo. "Há uma luta constante entre uma e outra", conclui a encenadora.

É por isso que o título podia ser "Janis e a sociedade dos anos 60" em vez de Janis e a Tartaruga. E é por isso que, apesar de partir de uma figura real, este monólogo "não é apenas sobre uma pessoa mas sim sobre toda uma geração".

Janis e a Tartaruga estreia-se esta quinta-feira e está em cena até domingo no Clube Estefânia. Qui-Sáb 21.30, Dom 16.00. 10€.

VISÃO

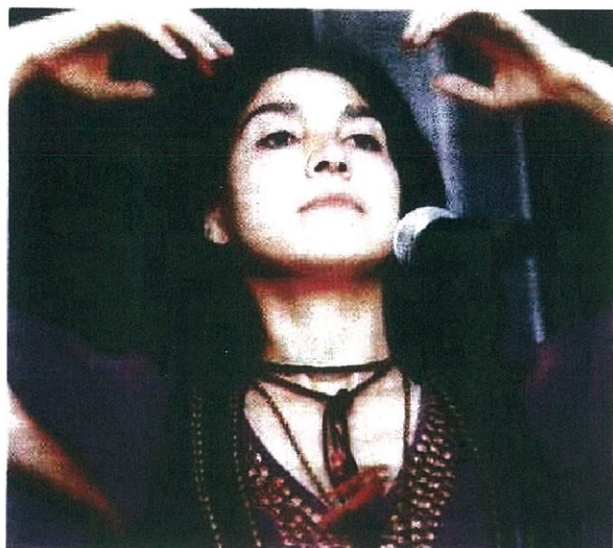


JANIS E A TARTARUGA

'PIECE OF HER HEART'

Peça sobre libertação

Peça estreada o ano passado, então com a atriz e apresentadora de televisão Filomena Cautela, regressa agora com Carla Galvão como Janis Joplin, o ícone de uma geração e cuja vida inspirou o texto dos irmãos Pedro e Filipe Pinto. O monólogo, integrado no festival Cabeças Falantes, da Escola de Mulheres, não é contido biográfico, nem apenas sobre a cantora americana. «É o espelho do que foi a década de 60 nos Estados Unidos. À boleia pela América, Janis cruza-se com várias pessoas e através desses encontros vai-se fazendo o retrato de uma sociedade conservadora. A tartaruga personifica precisamente a mentalidade dessa época, no confronto com quem está muito à frente do seu tempo.» Carla Galvão tomará conta do palco do Clube Estefânia, para se entregar de alma e coração ao desafio de ser Janis e outras 12 personagens. Também excelente cantora, interpreta os hits que já viu *Mercedes Benz* e *Woman Left Londre* um tema original de Carlos Tê, responsável pela direção musical. Apesar do contexto em que surgem a luta pelo antirracismo, a guerra do Vietname, a libertação sexual, os excessos das drogas, Luísa Pinto sublinhou atualidade do texto e do seu tratamento plástico, com recurso ao vídeo. E não hesita quando, a propósito dos jovens e da busca de uma identidade social e política, conclui que «a peça faz todo o sentido hoje». ROSÁRIO



Matosinhos

Uma visita à geração de 60 no Constantino Nery

De 2 a 4 de Setembro, pelas 21.30 horas, decorrerá no Cine-Teatro Constantino Nery a peça "Janis e a tartaruga". "Janis e a tartaruga" não é uma biografia. É apenas, de alguma forma, uma visita à geração dos sessenta. Ficção, monólogo, uma rapariga, uma tartaruga... e outra que aparece no lugar de cada um de nós. Alguns verão

em Janis a figura lendária de Janis Joplin. Outros sentirão que aquela que caminha é apenas uma entre muitos jovens que decidiram fazer frente a uma América que colocou tartarugas lentas no caminho. A peça é para maiores de 16 anos, com as entradas a 5 euros. A interpretação está a cargo de Carla Galvão.